



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

VICTÓRIA LOBIANCO VILELA E MOUTA

DO FOLHETIM ÀS PÁGINAS POLICIAIS: Crimes à Arsène Lupin no Brasil da *Belle Époque*

RIO DE JANEIRO

2024

VICTÓRIA LOBIANCO VILELA E MOUTA

DO FOLHETIM ÀS PÁGINAS POLICIAIS: Crimes à Arsène Lupin no Brasil da *Belle Époque*

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientador: Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M934d Mouta, Victória Lobianco Vilela e
DO FOLHETIM ÀS PÁGINAS POLICIAIS: crimes à Arsène
Lupin no Brasil da Belle Époque / Victória Lobianco
Vilela e Mouta. -- Rio de Janeiro, 2024.
30 f.

Orientador: Pedro Paulo Garcia Ferreira
Catharina.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Francês, 2024.

1. Literatura Francesa. 2. Literatura Policial.
3. Maurice Leblanc. 4. Arsène Lupin. 5. Imprensa
Brasileira. I. Garcia Ferreira Catharina, Pedro
Paulo, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

VICTÓRIA LOBIANCO VILELA E MOUTA
DRE: 119042280

DO FOLHETIM ÀS PÁGINAS POLICIAIS: Crimes à Arsène Lupin no Brasil da *Belle Époque*

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Data de avaliação: 13 / 07 / 2024

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina - Presidente da Banca
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. François Weigel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 8,5

Assinatura dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha avó Sueli e ao meu avô Jorge, por serem minha fundação desde a minha infância. Desde me levarem até a escolinha do ensino infantil até me acompanhar na minha inscrição da faculdade. Guardo com carinho no peito todas as tardes que passamos juntos, nas quais meu avô lia livros para nós, eu e minha vó, histórias inteiras por horas a fio alimentavam a minha imaginação de criança. Meus avós me ensinaram a sonhar, e eu sonho por eles.

Um sonho não existe sozinho, gostaria de agradecer às minhas amigas do fundo do peito, Ana Carolina Moraes da Natividade e Camila Ferreira Alves, desde os primeiros dias estamos sonhando juntas, e fico muito feliz que tenho pessoas tão incríveis como colegas de profissão, tenho muito orgulho da trajetória de vocês e espero que, no futuro, possa estar presente em todas as suas vitórias. À Jade, Anabela, Lívia e Gabriel, vocês foram uma doce surpresa na minha vida, obrigada por me apoiarem mais do que vocês imaginam. Aos meus amigos da vida, sou muito grata por tudo: Enzo, Maria Clara, Gabriela, Isabela e Polly.

Gostaria de oferecer um agradecimento dobrado à: Dra. Violeta Virgínia Rodrigues, Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria (Maluh) e à Ms. Catarina, obrigada por me ajudarem a trilhar esse caminho, eu apreciei tanto a aula de vocês que fiz uma dobradinha, e se pudesse, acompanharia mais e mais aulas, vocês foram essenciais para a profissional que me tornarei. Agradeço imensamente também ao meu orientador, Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, obrigada por me orientar e por todas as oportunidades que você me proporcionou, além de todo o conhecimento compartilhado conosco.

Agradeço também aos meus colegas do SEDAC: Deia, Guilherme, Renata, Eloyse, Laura Lima, Laura Della Colleta, Bruna, Simis, Vilson, Léo e Marta, vocês participaram desta monografia sem nem saber, obrigada.

Por fim, gostaria de agradecer ao NCT pelo suporte emocional, quando eu estava perdida e desmotivada, as suas músicas sempre me apoiaram e me deram determinação para sonhar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O AUTOR E O GÊNERO	6
2.1 O Autor	6
2.2 O gênero	8
3. A LITERATURA POLICIAL E ARSÈNE LUPIN NO BRASIL	11
4. CONCLUSÃO	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

O personagem Arsène Lupin, criado pelo escritor francês Maurice Leblanc (1864-1941), surge de um pedido do editor da revista mensal francesa *Je Sais Tout*, Pierre Laffitte (1872-1938), para atender a uma necessidade editorial de seguir a tendência de publicações literárias policiais do início do século XX, isto é, a de um personagem francês nos moldes dos personagens ingleses do mesmo gênero, como Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle (1859-1930), e Raffles, de E. W. Hornung (1866-1921). Assim nasce um dos grandes nomes da literatura policial popular francesa da *Belle Époque*.

Figuras 1 e 2 - Capa e Sumário da edição de julho de 1905 da revista *Je sais tout*.



Fonte: Gallica. <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1029766>> Acesso em: 06 de maio de 2024.

Desde 15 de julho de 1905, data de publicação da primeira novela contendo o personagem, *L'Arrestation d'Arsène Lupin*, na edição de número 6 da revista *Je Sais Tout*, Arsène Lupin aparecerá em 17 romances e 39 novelas (Ruaud, 2008, p. 187), além de quatro peças de teatro, escritas pelo próprio Maurice Leblanc. Ele também ganhou vida em mais de 25

adaptações cinematográficas de diversos países, como a França, com o filme mudo de 1909 dirigido por Michel Carré¹, e os Estados Unidos, com o filme de Jack Conway de 1932, estrelado pelos irmãos Barrymore². No Japão, em 1967, num outro suporte, Kazuhiko Katō escreve, com o pseudônimo Monkey Punch, a série de mangás *Lupin III*, que narra as aventuras do neto de Arsène Lupin³.

As publicações em que aparecem o personagem incluem as coletâneas de novelas: *Arsène Lupin, Gentleman-Cambrioleur* (1907), *Arsène Lupin contre Herlock Sholmes* (1908), *Les Confidences d'Arsène Lupin* (1913), *Les huit coups de l'horloge* (1923), *L'Agence Barnett et Cie* (1928); e os romances: *L'Aiguille creuse* (1909), *813* (1910), *Le Bouchon de Cristal* (1912), *Les Dents du Tigre* (1921), *L'Éclat d'obus* (1916), *Le Triangle d'or* (1918), *L'Île aux trente cercueils* (1919), *La Comtesse de Cagliostro* (1924), *La Demoiselle aux yeux verts* (1927), *La Demeure mystérieuse* (1929), *La Barre-y-va* (1931), *Le Chapelet rouge* (1932), *La Femme aux deux sourires* (1933), *Victor, de la Brigade mondaine* (1933), *La Cagliostro se venge* (1935), *Les Milliards d'Arsène Lupin* (1941) e *Le dernier amour d'Arsène Lupin* (2012).

Maurice Leblanc, nascido em 1864, em Rouen, na Normandia, passou sua infância ouvindo histórias de Gustave Flaubert (1821-1880) e Guy de Maupassant (1850-1893), escritores normandos que possuíam laços com sua família. Essa ligação com escritores despertaria, alguns anos depois, sua vontade de escrever. Com um início de carreira um pouco tímido, Leblanc começa publicando apenas alguns textos jornalísticos, em 1888. Somente cinco anos mais tarde, em 1893, deu-se a publicação do romance *Une Femme* (1893), primeiramente em folhetim no *Gil Blas*, de abril a maio de 1893, e, na sequência, em formato de livro, reunido pelo editor Paul Ollendorff (1851-1920), também em maio do mesmo ano. Esse romance recebe comentários bastante positivos de escritores da época, como comprova um trecho de uma carta para Maurice Leblanc escrita por Jules Renard (1864-1910), escritor francês e cofundador da revista *Mercur de France*, em 15 de julho de 1893: “Sua *Femme*, é uma Bovary exasperada » (Renard *apud* Derouard, 2006, p. 14)⁴.

Os anos se seguem com algumas publicações que, por mais que fossem bem recebidas pela crítica, não obtiveram grande sucesso comercial, apesar da existência de um certo capital social (Bourdieu, 1998) pelo autor, já que o mesmo frequentava o meio literário e publicava

¹ <<https://www.imdb.com/title/tt0448350/>> Acesso em: 12 de maio de 2024.

² <<https://www.allmovie.com/movie/arsene-lupin-vm458440>> Acesso em: 12 de maio de 2024.

³ <<https://pen-online.com/culture/lupin-iii-the-pop-culture-icon-created-by-monkey-punch/>> Acesso em: 12 de maio de 2024.

⁴ “Votre *Femme*, c’est une Bovary exaspérée”. <https://www.persee.fr/doc/etnor_0014-2158_2006_num_55_1_1620> Acesso em: 12 de maio de 2024. Toda tradução não referenciada na Bibliografia é de nossa responsabilidade.

novelas em jornais consagrados como o *Gil Blas*. Porém, o grande público não o conhecia, conforme observado por Derouard:

Apesar de alguns artigos de Rachilde no *Mercure de France*, os primeiros livros de Leblanc obtiveram pouco sucesso. Até mesmo *L'Enthousiasme*, um belo romance publicado em 1901, e ao qual Maurice se dedicou muito, passa quase despercebido. (Derouard, 2006, p. 15)⁵

Foi esse capital social que gerou o convite de Pierre Lafitte, grande editor e livreiro, fundador da editora Éditions Pierre Lafitte e responsável por publicar novelas com o personagem Rouletabille, de Gaston Leroux (1868-1927) e Sherlock Holmes, para que Leblanc publicasse uma novela na edição de junho da recém-lançada revista mensal *Je Sais Tout*, que tinha por objetivo popularizar a divulgação científica numa revista de largo alcance:

O título do ensaio indica claramente o objetivo almejado pelo autor através das publicações da revista, criada por Pierre Lafitte em 1905 e comprada em 1916 pelo grupo Hachette: trata-se de delinear os princípios de uma leitura da cultura midiática dos primeiros anos do século XX, a partir da ficção publicada em um periódico de vulgarização científica, literária e cultural de grande tiragem. (Rannaud, 2020, p. 177)⁶

Arsène Lupin é, segundo Elsa de Lavergne (2020), um dos primeiros personagens a serem considerados como os mais importantes do romance policial francês, juntamente com Monsieur Lecoq (1865), criado por Émile Gaboriau (1832-1873), e Rouletabille (1907), por Gaston Leroux. Ele possui um sucesso duradouro, notado até os dias de hoje, atestado por sua permanência no universo cultural de vários países, com inúmeras publicações, traduções, reedições de livros, adaptações cinematográficas, entre outros formatos de mídia, como pode ser observado com a série do serviço de *streaming* norte-americano *Netflix*, *Lupin* (2021), primeira série francesa a entrar no top 10 da *Netflix* nos Estados Unidos e a alcançar o primeiro lugar de série mais assistida em diversos países como Brasil⁷, França⁸ e África do Sul⁹, feito noticiado por veículos da mídia como a revista estadunidense de negócios e economia *Forbes*

⁵ Malgré quelques articles de Rachilde dans le *Mercure de France*, les premiers livres de Leblanc connaissent peu de succès. Même *L'Enthousiasme*, un beau roman publié en 1901, et dans lequel Maurice a mis beaucoup de lui-même, passe quasiment inaperçu.

⁶ Le titre de l'essai dit bien l'objectif que poursuit l'auteur au gré des livraisons de la revue, créée par Pierre Lafitte en 1905 et rachetée en 1916 par le groupe Hachette : il s'agit d'esquisser les principes d'une lecture de la culture médiatique des premières années du XX^e siècle à partir de la fiction publiée dans un périodique de vulgarisation scientifique, littéraire et culturelle à grand tirage.

⁷ <<https://www.netflix.com/tudum/top10/brazil/tv?week=2023-10-15>> Acesso em: 06 de maio de 2024.

⁸ <<https://www.netflix.com/tudum/top10/france/tv?week=2023-10-15>> Acesso em: 06 de maio de 2024.

⁹ <<https://www.forbes.com/sites/sheenascott/2021/01/14/lupin-is-netflixs-most-popular-french-series-ever/?sh=4cfa10d95de1>> Acesso em: 06 de maio de 2024.

e o próprio serviço de *streaming*. Anteriormente, o grande sucesso das histórias de Arsène Lupin também foi constatado no Brasil da primeira metade do século XX, graças ao fato da França ainda ser um polo irradiador de cultura durante o período da *Belle Époque* e no entreguerras.

Esta monografia decorre de um trabalho de pesquisa iniciado em janeiro de 2022, a partir do recolhimento de ocorrências encontradas do nome “Lupin” / “Arsène Lupin” nos periódicos disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Com esses dados, buscamos descrever, analisar e comparar a presença desse personagem emblemático da literatura popular francesa nas publicações jornalísticas de todo o Brasil, exceto o estado do Rio de Janeiro¹⁰. As ocorrências foram classificadas em oito categorias: Anúncio, Citação, Crítica, Curiosidade, Literatura, Menção, Notícia e Obituário. Visamos ainda analisar o contexto e as circunstâncias da circulação das obras de Leblanc no período de 1900 a 1939.

A partir da análise dessas ocorrências, notamos, por exemplo, que a diferença entre a publicação das novelas e romances de Maurice Leblanc na França, país de origem do autor, e no Brasil, podia ser de poucos anos, e, diversas vezes, de poucos meses, o que mostra uma circulação intensa desses produtos culturais de um país a outro. Foi observada igualmente a tendência dos periódicos da antiga região setentrional do Brasil¹¹ em mencionar o personagem de Maurice Leblanc ao publicarem notícias sobre crimes que ocorriam nas cidades da região. Tentamos, assim, compreender o fenômeno e verificar se ele era exclusivo da Região Amazônica, ou uma tendência comum a todas as regiões brasileiras. Tentamos justificá-lo à luz dos estudos de Dominique Kalifa (1957-2020), apresentados no livro *L'Encre et le sang* (1995), no qual o autor expõe que uns dos motivos que explicam a popularidade da narrativa policial na ficção, e principalmente, o seu aparecimento e sucesso nos jornais, está ligado ao intenso consumo da rubrica *faits divers* nos cotidianos. Com a intensificação da publicação de narrativas literárias nos jornais, essas histórias começam não só a se assemelharem cada vez mais com a vida real, mas também a reproduzirem os crimes que nela ocorrem (Kalifa, 1995, p. 43).

Assim, podemos tentar explicar a popularidade do personagem Arsène Lupin dentro e fora da literatura devido a essa tendência da época. Na literatura, por estar inserido no gênero

¹⁰ Não analisamos este estado em particular por se tratar de um estado forte irradiador de cultura, onde se situava a capital do país, contendo, portanto, um elevado número de ocorrências do nome “Lupin”, e devendo ser estudado separadamente.

¹¹ Nomenclatura de 1913 que englobava os estados de Acre, Amazonas e Pará <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/regionalizacoes_1889_1913.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

policial, que desde seus primórdios é intensamente consumido pelo público, graças aos veículos nos quais circula – jornal ou revista, livros –, e pela familiaridade dos leitores com suas histórias. E, fora da literatura, por justamente o público estar familiarizado com o enredo de narrativas policiais, o personagem Arsène Lupin começa a aparecer em rubricas que não são dedicadas à literatura, invadindo as seções policiais e de notícias, cometendo delitos que não foram narrados por Maurice Leblanc.

Buscamos, então, por meio desta monografia, analisar e justificar esse fenômeno a partir de dados quantitativos e qualitativos recolhidos em periódicos brasileiros da época, em busca de possíveis justificativas, através da observação da sociedade do período, que expliquem a ocorrência do mesmo.

2. O AUTOR E O GÊNERO

2.1 O Autor

Maurice Leblanc nasceu em Rouen, na região administrativa francesa da Normandia, em 11 de dezembro de 1864, e morreu em 6 de novembro de 1941. Filho de Émile Leblanc e de Mathilde Blanche, de origem burguesa e abastada, Leblanc tem contato com Gustave Flaubert e sua família desde seu nascimento. Como afirma Claude Noisette de Crauzat em seu capítulo publicado no livro *Le Paysage normand dans la littérature et dans l'art*: “Sua família é abastada, seu pai, armador, possui relações com as glórias de Rouen, já sua mãe nasceu pelas mãos do pai de Flaubert, cirurgião”¹² (Crauzat, 1980, p. 294). Esse contato com o mundo literário e, principalmente, com autores aclamados como Flaubert e Maupassant teria servido como porta de entrada no mundo literário, constituindo um capital social importante para o jovem escritor: “[...] é a história humana da região de Rouen, ou da região de Caux, que ele desbrava com os melhores guias imagináveis: Gustave Flaubert, que visitava frequentemente em Croisset, e Guy de Maupassant”¹³ (1980, p. 294). Contrariando seu pai, que lhe havia oferecido um emprego numa fábrica, em 1888, Leblanc se mudou para Paris com o pretexto de estudar Direito; mas o jovem estava decidido a ser contista, seguindo os passos de Guy de Maupassant: “Maurice decidiu torna-se contista, como Maupassant, que ele admira”¹⁴ (Derouard, 2006, p. 13).

Tendo começado sua carreira como jornalista, Maurice Leblanc publica sua primeira coluna no *Gil Blas*, em 1892, jornal no qual também lançaria seu primeiro romance, *Une Femme*, em 1893. Nos anos seguintes, publica coletâneas de contos, como *Les Heures de mystère*, em 1896, e romances, como *Armelle et Claude*, em 1897, sem, contudo, alcançar grande sucesso de público:

O escritor Daniel Riche, relator da candidatura de Maurice Leblanc para a *Société des gens de lettres*, em 1900, constata que suas obras “têm um carácter

¹² Sa famille est aisée, son père armateur est en relations avec les gloires rouennaises, quant à sa mère, elle fut accouchée par le père de Flaubert, chirurgien.

¹³ C’est l’histoire humaine de la région de Rouen ou du pays de Caux qu’il découvre avec les meilleurs guides qu’on puisse imaginer : Gustave Flaubert, à qui il rend fréquemment visite à Croisset, et Guy de Maupassant.

¹⁴ Maurice a décidé de devenir conteur, comme Maupassant, qu’il admire.

pessoal e curioso”, e que “é um verdadeiro deleite para quem tem a sorte de lê-las”. Infelizmente! poucos têm essa chance. (Derouard, 2006, p. 15)¹⁵

Entretanto, Leblanc recebe alguns elogios por parte de Jules Renard, em uma carta escrita em 1896, três anos após a morte de Guy de Maupassant: “Devo considerá-lo digno de ser herdeiro de Maupassant? Não, porque você é um escritor original, e essa metáfora ficou um pouco gasta. Mas, sim, porque Maupassant possuía muito talento, apesar do que diz Goncourt, e ser seu herdeiro é ser rico”¹⁶ (Renard *apud* Derouard, 2006, p. 14).

Em 1905, sua carreira tem uma grande mudança quando publica na revista mensal *Je Sais Tout* (1905) a novela *L'Arrestation d'Arsène Lupin*. Essa novela surge através de um pedido de Pierre Lafitte e seu colaborador Marcel L'Heureux, em suas visitas regulares a Leblanc, durante estadia no Château de Gueures, residência de sua irmã (Derouard, 2006, p. 17). A partir de 1905, publicou regularmente as novelas de Arsène Lupin em formato de folhetim em diversos periódicos, como na revista mensal *Je Sais Tout* (*Arsène Lupin, gentleman-cambrioleur* (1907), *Arsène Lupin contre Herlock Sholmès* (1908), *L'Aiguille creuse* (1909), *Les Confidences d'Arsène Lupin* (1913)); no jornal cotidiano *Le Journal*, (813 (1910), *Le Bouchon de cristal* (1912), *L'Éclat d'obus* (1916), *Le Triangle d'or* (1918), *L'Île aux trente cercueils* (1919), *Les Dents du tigre* (1921), *La Comtesse de Cagliostro* (1924), *La Demoiselle aux yeux verts* (1927), *La Demeure mystérieuse* (1929), *Barre-y-va* (1931), *La Femme aux deux sourires* (1933), *La Cagliostro se venge* (1935)); no periódico *Excelsior* (*Les Huit Coups de l'horloge* (1923)); na revista *Les Annales politiques et littéraires* (*Le Cabochon d'émeraude* (1930)); na revista *Lectures pour tous* (*L'Agence Barnett et Cie* (1928)); no periódico *Paris-Soir* (*Victor, de la Brigade mondaine* (1933)); e no jornal *L'Auto* (*Les Milliards d'Arsène Lupin* de 1941).

Em 1918, Leblanc comprou uma casa em Étretat, nomeando-a “Clos Lupin”. Essa residência, anos mais tarde, em 1999, tornar-se-ia o museu “Le Clos Arsène Lupin, Maison Maurice Leblanc”. Em 1939, Leblanc deixa a “Clos Lupin” devido à invasão alemã, e se refugia na cidade de Perpignan, no sul da França, até sua morte em 1941, por pneumonia.

Durante toda sua vida, Leblanc transitou entre as histórias policiais de Lupin e romances de outros gêneros, como aqueles de ficção científica *Les Trois Yeux* (1920) e *Le Formidable*

¹⁵ L'écrivain Daniel Riche, rapporteur de la candidature de Maurice Leblanc à la Société des gens de lettres, en 1900, constate que ses œuvres « ont un cachet personnel et curieux », et que « c'est un vrai régal pour qui a la bonne fortune de les lire ». Las ! peu connaissent cette bonne fortune.

¹⁶ Vous appellerai-je digne héritier de Maupassant ? Non, parce que vous êtes un écrivain personnel, et que cette métaphore a un peu vieilli. Mais oui, parce que Maupassant avait bien du talent, quoi qu'en dise Goncourt, et qu'être son héritier, c'est être riche.

Événement (1921). Cabe dizer que, por mais que tenha alcançado sucesso com romances policiais, Leblanc, como muitos outros escritores, os considerava como uma literatura de menor qualidade, feita apenas para obter fama e dinheiro.

2.2 O gênero

A literatura policial é um gênero que sofreu com o estigma de ser considerado inferior desde seus primórdios. Podemos associar esse estigma à sua origem ligada intrinsecamente aos jornais, e, conseqüentemente, à vida cotidiana e às massas. Em *L'Encre et le sang* (1995), Dominique Kalifa expõe que o relato de crimes não seria um gênero novo, estando sempre pairando nas narrativas e no imaginário popular; mas, a partir da virada do século XX, esse gênero ganha forma devido ao fortalecimento da imprensa e a proliferação dos *faits divers* nas publicações:

O crime, como sabemos, povoa desde há muito o imaginário social e inspirou um número considerável de histórias durante mais de cinco séculos. Gazetas e canções, gravuras e cartazes, literatura de caixeiros viajantes e baixa literatura, depois *faits divers* e romances populares, todos fazem do crime um de seus temas principais, se não o próprio princípio da sua dinâmica narrativa. (Kalifa, 1995, p. 9)¹⁷

Segundo Kalifa, em junho de 1902, o jornalista Henri de Nouassanne publica um artigo em *La Revue Hebdomadaire*, sob o título “Que vaut la presse quotidienne française?”, no qual levantou a porcentagem de espaço dedicado às narrativas de crimes nos principais periódicos franceses - 4,9% (Kalifa, 1995, p. 19). Kalifa afirma igualmente:

Nesse longo processo cultural e social, os “anos 1900” aparecem, contudo, como uma etapa crucial. Eles são inicialmente marcados por um aumento formidável e espetacular de todas as formas de histórias de crime, que ganham constantemente novos suportes e registros. No início da Grande Guerra, o crime e sua narrativa tornaram-se assuntos recorrentes. (Kalifa, 1995, p. 11)¹⁸

¹⁷ Le crime, on le sait, haut de longue date l’imaginaire social et a inspiré, depuis plus de cinq siècles, une quantité considérable de récits. Canards et complaints, gravures et placard, littérature bleue et littérature de gueuserie, puis faits divers et romans populaires, tous font du crime l’un de leurs thèmes principaux, sinon le principe même de leur dynamique narrative.

¹⁸ Dans ce long processus culturel et social, les <<années 1900>> apparaissent cependant comme une étape cruciale. Elles sont d’abord marquées par une formidable et spectaculaire envolée de toutes les formes de récits de crimes, qui gagnent sans cesse à eux supports et registres nouveaux. A l’aube de la Grande Guerre, le crime et son récit sont devenus des motifs obsédants.

Somados a isso, podemos destacar o crescimento das tiragens dos jornais e o fortalecimento da autoridade social da imprensa, junto com a demanda de um público alfabetizado e sedento por leituras:

[...] a imprensa e a edição, cujo equipamento técnico evolui rapidamente, pretendem satisfazer uma sociedade desde então alfabetizada, sedenta de leitura e engajada num vasto e rápido movimento de urbanização que perturba suas formas tradicionais de sociabilidade e regulação. Completando um ciclo iniciado em 1836, a imprensa popular, principalmente, conhece então um apogeu, marcado pelo aumento das tiragens e pelo fortalecimento da sua autoridade social. (Kalifa, 1995, p. 11-12)¹⁹

Esse cenário social fértil pode explicar a popularidade do romance policial, por todos os fatores citados anteriormente: aumento do público leitor, consumo de histórias policiais, veiculação de crimes nos jornais e a inclinação do ser humano por consumir esse tipo de história. Isso propiciou não só a circulação como o consumo do gênero policial pelos leitores e leitoras de jornais e revistas. Esse fenômeno social pode ser observado não só na França, mas também no Brasil.

Elsa de Lavergne, em *La Naissance du roman policier français* (2020), também observa e justifica o fenômeno:

A moda do romance-folhetim criminal na era romântica e o crescente interesse pelo crime e seu tratamento pelas instituições policial e judiciária levaram, no final da década de 1860, ao nascimento do romance judiciário. Émile Gaboriau, com *L’Affaire Lerouge*, publicado em 1866, inventa um novo gênero de narrativa que fascina os leitores e satisfaz seu gosto pelas matérias sensacionalistas e pelo trabalho duro do policial, cuja profissão começa a ser encarada de forma positiva. Após Émile Gaboriau, muitos romancistas seguem os passos do mestre. [...]

Ao mesmo tempo, grandes figuras do crime marcaram o século moldando a sua figura pública. Elas servem prontamente de modelo para romancistas que tomam emprestado da *Gazette des Tribunaux* os episódios ou seus traços mais marcantes para compor suas obras de ficção. No final do Segundo Império, o desenvolvimento de uma imprensa popular forçada a abandonar os assuntos políticos aumenta o espaço dado ao crime e a seus atores. As matérias secundárias suscetíveis de darem lucro, romance-folhetim e *faits divers*, saem nas primeiras páginas do jornal. As duas matérias, que apresentam fortes afinidades temáticas, aproximam-se gradativamente no seu tratamento. Enquanto o *fait divers* tende a adotar os códigos romanescos do rodapé, o romance-folhetim ganha em realismo e se apegua à relação ficcionalizada de assuntos reais. Jornalistas e romancistas mantêm assim uma dúvida sobre a

¹⁹ [...] la presse et l’édition, dont l’équipement technique évolue rapidement, entendent bien satisfaire une société désormais alphabétisée, affamée de lectures et engagée dans un vaste et rapide mouvement d’urbanisation qui bouleverse ses formes traditionnelles de sociabilité et de régulation. Achevant un cycle entamé en 1836, la presse populaire surtout connaît alors un apogée, marqué par l’envolée des tirages et le renforcement de son autorité sociale.

real natureza do texto, que situam voluntariamente na fronteira entre a realidade e a ficção. (Lavergne, 2020, p. 165-166)²⁰

A literatura policial, descendente do romance *noir* da primeira metade do século XIX e do romance folhetim criminal (Lavergne, 2020, p. 23), bebe da fonte de um de seus principais criadores, Émile Gaboriau, e evolui, com o passar do tempo, para um gênero que transita entre o real e a ficção, aproveitando-se de crimes reais e do interesse crescente do público não só pelos crimes como também por seus atores. O formato dos romances-folhetim envolvia seus leitores e os instigava a consumir mais desse tipo de literatura. Lavergne justifica esse crescente interesse do público pela literatura policial também pelas mudanças sociais e urbanas que ocorreram na sociedade da época:

O romance policial do século XIX, por meio de descrições de um novo gênero, retrata as instituições e as regras que regem a sociedade. De caráter documental ou explicativo, esses desenvolvimentos vão ao encontro das expectativas de um leitorado ávido de conhecimento e refletem as novas preocupações da sociedade, inquieta com as consequências da mutação industrial e urbana. (Lavergne, 2020, p. 169)²¹

Assim, seguindo esse movimento literário e social, Arsène Lupin, pela pena de Maurice Leblanc, nasce em plena *Belle Époque*, a fim de atender à crescente demanda de narrativas policiais consumidas pelos leitores e leitoras, principalmente aqueles dos periódicos, e, igualmente, para suprir a falta de um representante francês à altura do personagem inglês de Conan Doyle, Sherlock Holmes, que estava ocupando os folhetins.

²⁰ La vogue du roman-feuilleton criminel à l'époque romantique et l'intérêt croissant pour le crime et son traitement par les institutions policière et judiciaire, provoquent, à la fin des années 1860, la naissance du roman judiciaire. Émile Gaboriau, avec *L'Affaire Lerouge*, publié en 1866, invente un genre de récit nouveau qui passionne les lecteurs et satisfait leur goût pour les matières sensationnelles et la rude besogne de 'l'agent de police, dont on commence à envisager le métier sous un jour positif. À la suite d'Émile Gaboriau, nombre de romanciers suivent les traces du maître. [...] Parallèlement, de grandes figures criminelles marquent le siècle en modelant leur image publique. Elles servent volontiers de modèles aux romanciers qui empruntent à la *Gazette des Tribunaux* les épisodes ou les traits le plus saillants pour composer leurs œuvres de fiction. À la fin du Second Empire, le développement d'une presse populaire contrainte de délaisser les sujets politiques accroît la place accordée au crime et à ses acteurs. Les matières, qui présentent des affinités thématiques fortes, se rapprochent peu à peu dans leur traitement, Alors que le fait divers tend à adopter les codes romanesques du rez-de-chaussée, le roman-feuilleton gagne en réalisme et s'attache à la relation romancée d'affaires réelles. Journalistes et romanciers entretiennent de la sorte un doute sur la nature réelle du texte, qu'ils situent volontairement à la frontière du réel et de la fiction.

²¹ Le roman policier du XIX^e siècle, par le biais de descriptions d'un genre nouveau, peint les institutions et les règles qui régissent la société. D'ordre documentaire ou explicatif, ces développements répondent aux attentes d'un lectorat avide de connaissance et font écho aux nouvelles préoccupations de la société qui s'inquiète des conséquences de la mutation industrielle et urbaine.

3. A LITERATURA POLICIAL E ARSÈNE LUPIN NO BRASIL

No conto *O mistério de Marie Roget*, o escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849), considerado por muitos como o precursor da literatura policial, utilizou um caso real, um assassinato amplamente divulgado nos jornais da época, para criar uma narrativa ficcional. O texto é considerado como o primeiro conto policial baseado em um crime real. Poe brinca com a linha tênue que existe entre as narrativas policiais e os crimes que de fato ocorrem na vida real. Essa estratégia é observada também em *Mattos, Malta ou Matta!* (1985 [1885]), de Aluísio Azevedo (1857-1913). A trama se inspira numa notícia de troca de cadáveres que circulou na imprensa carioca, em 1884. Essa novela de Aluísio Azevedo pode ser considerada a primeira narrativa policial brasileira (Rodriguez, 2020, p. 77). Podemos citar também, como representante do gênero no Brasil, o fundador da cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, Medeiros e Albuquerque (1867-1934) com *Mistério* (1928 [1920]), *O assassinato do general* (1926) e *Se eu fosse Sherlock Holmes* (1932).

É nesse cenário de narrativas policiais ficcionais sendo veiculadas principalmente por folhetins de jornais que observamos o aparecimento do personagem Arsène Lupin nos periódicos brasileiros. Isso pode se justificar, também, pelo fato de que a França, no fim do século XIX e início do XX, era um grande polo irradiador de cultura, conforme Ana Maria Daou explica em seu livro *A Belle Époque Amazônica* (2000).

A Belle Époque, expressão francesa que significa “bela época”, foi criada para descrever na Europa, especialmente na França, o período de 1870 a 1914, que corresponde ao fim da Guerra Franco-Prussiana até a Primeira Guerra Mundial. Nesse período, houve uma forte euforia social, triunfos da sociedade burguesa daquele momento e inúmeras conquistas materiais e tecnológicas, como a invenção do telefone, do automóvel, do cinema e do avião. Além de uma grande efervescência artística (Winock, 2002). Foi durante a *Belle Époque* que o personagem Arsène Lupin surgiu e sua história também se ambienta no período.

Essa efervescência econômica e sociocultural se expande para grandes centros urbanos, caso do Rio de Janeiro, capital da República, mas também de Manaus e da região, que haviam enriquecido durante o ciclo da borracha. Sobre este último local, Daou explica:

Foram a navegação a vapor e a rapidez das comunicações daí advinda que facilitaram a chegada de gêneros e bens de consumo aos portos amazônicos,

promovendo a multiplicação de pequenos núcleos de povoação ao longo dos trajetos dos navios, especialmente no Pará. (Daou, 2000, p. 13)

Essa euforia não é observada somente na região amazônica, mas em toda a extensão do território brasileiro, o que pode, de certa forma, justificar a propagação da literatura policial no Brasil, sobretudo através dos folhetins publicados no pé de página dos jornais. O gênero encontrou aqui um cenário tão fértil quanto o da França. Segundo Brito Broca (1903-1961), o romance-folhetim era considerado leitura indispensável pelo público, os leitores buscavam esse tipo de literatura para conseguir um tipo de emoção cotidiana:

Nessa época, em que ainda não se explorava o sensacionalismo da reportagem policial, o romance-folhetim oferecia ao leitor a emoção cotidiana que ele hoje procura nos crimes e assassinatos. Motivo também porque se tornavam indispensáveis ao folhetim tais ingredientes. A necessidade de proporcionar ao público esse gênero de emoção levava os diretores de jornais a fazerem traduzir romances estrangeiros, que depois eram, por vezes, editados em volume. (Broca, 1991, p. 59)

Contudo, para Ana Gomes Porto, doutora em História pela Unicamp, a produção de narrativas policiais ocorreu em concomitância com a veiculação de crimes e assassinatos verídicos. Portanto podemos assegurar que, segundo a pesquisadora, as duas formas de texto, notícias de crimes e romances que narram crimes coexistiam e, muitas vezes, a segunda tomava como inspiração a primeira:

Se nos folhetins grassavam crimes, em outros espaços do periódico ocorria o mesmo processo. Assim, o crime do desembargador Pontes Visgueiro teve ampla repercussão na imprensa fluminense em 1873 e foram publicadas, em pouco espaço de tempo, gravuras e notícias nos periódicos, além de um romance e da publicação de partes do processo e julgamento com os debates entre os advogados em 1874. (Porto, 2009, p. 4)

Pode-se observar, então, uma tendência começada na França que o Brasil também acompanhou: narrativas policiais – como novelas, contos e romances –, que utilizam crimes publicados nos jornais, aproveitando suas descrições nas notícias para criarem seus enredos. A arte acaba, por fim, imitando a vida, e a divisão entre a ficção e a realidade se torna nebulosa:

Mesmo com os referenciais variados, havia algumas semelhanças evidentes entre as histórias, as quais independem do fato de se apresentarem sob a forma de livro ou folhetim. A característica mais importante que une diferentes histórias de crime e criminoso é o seu caráter de veracidade. (Porto, 2009, p. 7)

Assim, inserido nesse contexto, Arsène Lupin também surge no cenário brasileiro como um personagem duplo: primeiramente, como o protagonista da série de novelas e romances de Maurice Leblanc, que circularam pelo país traduzidas ou em versão original; e, posteriormente, incorporado pelas colunas de notícias policiais, como padrão de comparação para criminosos e crimes reais. Essa situação se concretiza por conta de alguns de fatores: a) era corrente em jornais brasileiros, no século XIX, publicar autores estrangeiros, por não precisarem pagar direitos autorais nem a autores, nem a tradutores. Embora a situação legal mude no século XX, com a introdução de novas legislações²², a prática da contrafação e da reprodução livre parece permanecer, sobretudo nos jornais, intensificando a circulação das narrativas estrangeiras; b) a busca por novos leitores e leitoras para essas publicações e, em retorno, sua consequente validação por pessoas que conheciam e consumiam a literatura de outros países, principalmente europeus e, mais especificamente, da França (Porto, 2009, p. 15). Por outro lado, conforme Kalifa aponta, os periódicos franceses publicavam simultaneamente os “romances de crime” e os *fait divers*: “A apresentação de numerosos romances, frequentemente ambíguos, contribui para dissipar a sua condição: reportagem ou ficção?” (Kalifa *apud* Porto, 2009, p. 34). Esse fato também se mostra presente no Brasil, “onde o limite entre reportagem e ficção era, muitas vezes, tênue e confuso” (Porto, 2009, p. 16).

Em dados obtidos através de pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, com “Lupin” sendo usado como termo de busca, no período que de 1900 a 1939 (quatro décadas), foram encontradas 2.032 ocorrências em 17 estados do Brasil: Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O recorte temporal foi determinado pela data da primeira publicação em que o personagem aparece: 1905. O período engloba a *Belle Époque* no Brasil e o entreguerras. Por mais que o fim da *Belle Époque* brasileira seja indicado com a Semana de Arte Moderna de 1922 (LIMA, 2018, p. 9), foi decidida a extensão até o período do entreguerras para melhor análise da recepção da obra.

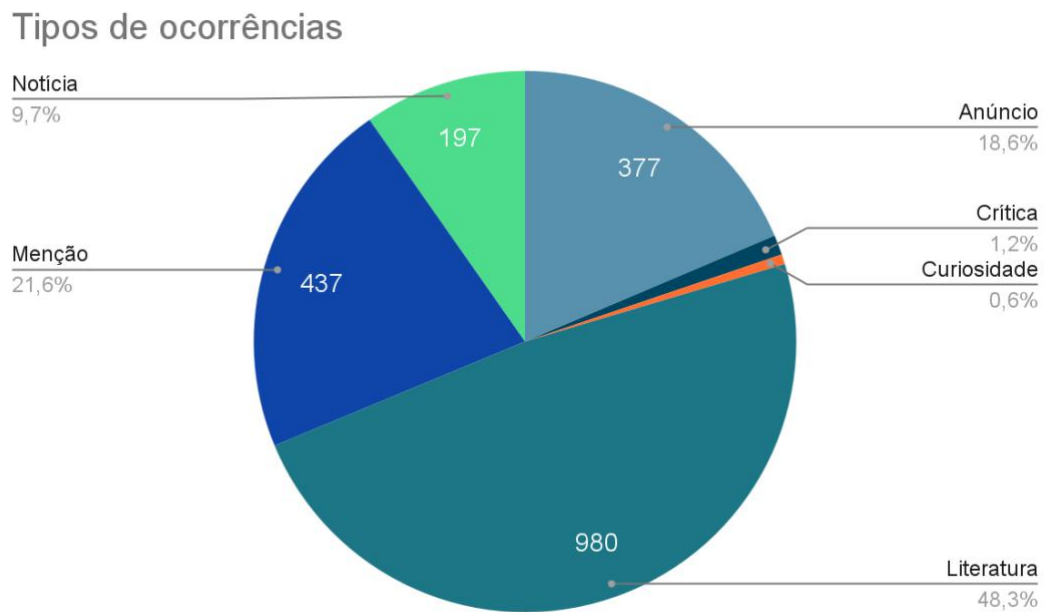
Foram determinadas oito categorias de ocorrências, criadas levando em conta a sua natureza. São elas: Anúncio, Menção, Citação, Literatura, Crítica, Obituário, Notícias ou Curiosidades²³. Algumas categorias possuem especificações, as de Anúncio são: Livro, Filme,

²² Caso do Art. 21 da lei brasileira nº 496 de 1º de agosto de 1898. Ver <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-496-1-agosto-1898-540039-publicacaooriginal-39820-pl.html>>. Consultado em: 26 de junho de 2024.

²³ É necessário apontar que a categoria Obituário não foi utilizada já que o período escolhido do *corpus*, de 1905 a 1939, é anterior à morte de Maurice Leblanc.

Doação para bibliotecas, Leilão e Teatro; a de Literatura: Folhetim ou Publicação no alto da página (narrativas curtas, como contos e novelas; romances, poemas); e a especificação da categoria Menção é Associação. As 2.032 ocorrências se distribuíram entre Anúncios (377), Críticas (24), Curiosidade (12), Literatura (980), Menção (442) e notícias (197).

Figura 3- Tipos de Ocorrências



Fonte: Acervo pessoal.

Na perspectiva da Sociologia da Literatura, os dados quantitativos levam a resultados qualitativos (Sapiro, 2014). Assim, as categorias com maiores ocorrências foram as de Literatura, Anúncios e Menções. Na categoria Literatura, temos 985 publicações em folhetim, em que são apresentados diversos títulos como: *A prisão de Arsène Lupin* (AC), *A evasão de Arsène Lupin* (AC), *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* (AM, RS, SP) *Arsène Lupin contra Herlock Sholmès* (AM, PE, RS), *A Agulha Oca* (PE, RS), *As Confidências de Arsène Lupin* (ES, PE) e *As Oito Pancadas do Relógio* (SP). É observada uma frequência maior de publicação desses folhetins nas décadas de 1900, 1910 e 1920, com um declínio a partir da década de 1930. O jornal *O Estado* de Santa Catarina, por exemplo, publicou durante os anos de 1919, 1920 e 1921, em formato de folhetim, as histórias *A prisão de Arsène Lupin* (1907), *Arsène Lupin contra Herlock Sholmès* (1908) e *A Agulha Oca* (1909), em mais de 620 edições.

Figura 4 - Total de ocorrências na categoria Literatura²⁴

Rótulos de Linha	Soma de Contagem
⊖ Literatura	980
⊖ 1900-1909	56
Arsène Lupin contre Herlock Sholmès	52
L'aiguille Creuse	4
⊖ 1910-1919	255
L'aiguille Creuse	51
L'Arrestation d'Arsène Lupin	12
Les Confidences d'Arsène Lupin	125
L'Évasion d'Arsène Lupin	1
Arsène Lupin gentleman-cambrioleur	66
⊖ 1920-1929	643
Arsène Lupin contre Herlock Sholmès	218
L'aiguille Creuse	210
Arsène Lupin gentleman-cambrioleur	130
Les Huit Coups de L'Horloge	85
⊖ 1930-1939	26
Arsène Lupin gentleman-cambrioleur	3
Les Huit Coups de L'Horloge	23
Total Geral	980

Fonte: Acervo pessoal.

Na categoria Anúncios, registramos 209 ocorrências de anúncios de filmes, 146 ocorrências de anúncios de livros e 22 ocorrências de anúncios de peças de teatro. Na especificação de “livros”, foram encontrados títulos como os romances *Agulha Oca* e *813* e as coletâneas de novelas *Arsène Lupin, o Ladrão de Casaca* e *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, em sua maioria traduzidos, como aquele visto no anúncio de 30 de dezembro de 1910, da edição 2418 do *Jornal do Commercio* (AM), em que um exemplar de *Arsène Lupin, Ladrão de Casaca* era comercializado com o título *Arsenio Lupin* e vendido por \$500 (500 réis), logo um preço popular, na Livraria Universitária, situada na Avenida Eduardo Ribeiro, nº 50, em Manaus. Também temos a comercialização de *Arsenio Lupin contra Herloch Sholmes* por 1\$800 (mil e oitocentos réis), à venda na Livraria Americana, no anúncio publicado no periódico *A Opinião Publica* (RS), na edição 92 do dia 26 de abril de 1910. É possível observar um declínio nos anúncios de livros a partir da década de 1920; isso pode se justificar, talvez, pelos títulos que circulavam no Brasil deixarem de ser novidade, portanto, não seria mais necessário veicular a chegada desses livros, pelo fato que as versões traduzidas já se encontravam nas prateleiras nas décadas passadas. Porém, isso não refletiria a popularidade do personagem.

Todos os anúncios de peças de teatro ocorreram na década de 1910. Tivemos turnês da Companhia dramática de Lucilia Peres, em 1910, que passou pelos estados do Amazonas,

²⁴ Para maior clareza, os títulos foram indicados no original, pois há variações nas traduções encontradas nos diversos periódicos brasileiros.

Maranhão e Pernambuco, da Companhia Dramática Dias Braga, em 1914, que passou por Pernambuco, ambas com a peça *Rei dos Ladrões* (1909) no repertório; e da companhia francesa Walter Mocchi, que em 1917 se apresentou no estado de São Paulo.

Figura 5 e 6 - Anúncios da peça *Rei dos Ladrões* representada pelas companhias dramáticas Lucilia Peres e Dias Braga

Theatro Amazonas
GRANDE COMPANHIA DRAMÁTICA
— LUCILIA PERES —
HOJE Sábado, 13 de Agosto de 1910 HOJE
O MAIOR SUCESSO THEATRAL DA ÉPOCA

2.ª e última representação da apparatusosa peça em 4 actos, de M. LEBLANC e F. DE CROISSET, cheia dos mais sensacionales trucos applicados á policia pelo famoso

Rei dos Ladrões
(ARSENIO LUPIN)

Esta gatuño habi e sagaz torna-se sympathico pela maneira distincta e fidalga com que rouba automoveis, tapearias, quadros importantes, diademas e mais objectos de grande valor, prevenindo sempre por cartas, a policia e as passas a quem vae roubar.

Transforma-se em qualquer typo sem que ninguem o reconheça, tal a sua habilidade em caracterisar-se, causando inveja a qualquer actor. Por ultimo disfarça-se no proprio agente que a persegue ha 10 annos, pendendo-o no Elevador, á vista dos espectadores.

Esta scena é de um grande affeito comico, sendo essa machina executada pelo machinista da Companhia Antonio Novelino.

DISTRIBUIÇÃO

Sonia Kritchnof	LUCILIA PERES
Duque de Charmesce	F. Marzullo
Guerhard	A. Ramos
Gournoy-Martin	Alfredo Silva
O Juiz de Instrução	A. Tavares
Charolais, pai	C. Nazareth
Bernardo Charolais	João de Deus.
Charolais, filho	J. Figueiredo
Charolais n. 3	B. Faria
Boursin	Teixeira Leão
O Commissario de Policia	Figueiredo
Firmino	Tavares
Bonavent	Alvaro Costa
Disney	Pedro Nunes
João Chauffeur	A. Noqueira
Germana	Elisa Campos
Victoria	Luiza d'Oliveira
Joanna	Odetta Tavares
Maria	Luiza Nazareth
Irma	Angela Dias

Agentes, Soldados e Gatunos
TITULO DOS QUADROS

1.ª—Como se roubam automoveis; 2.ª—Casa roubada; 3.ª—O roubo d. diadema nas barbas da policia; 4.ª—Arsenio prende o agente no elevador.

Missa-cobras de ALVARO PERES
Uma excellente banda de musica militar, gentilmente cedida amenizará os intervalos

Theatros e Cinemas
"COMPANHIA DIAS BRAGA"

THEATRO MODERNO. — Com a casa cheia subiu, hontem, a scena a impagavel peça de Arthur Assvedo — *O delirio*. A criação foi excellente e della saiu-se admiravelmente bem o grupo da «Dias Bragas», não resgateando os plausos a platáa descepillada.

Hoje, está no «affiche» a peça original *Arsenio Lupin*, trabalho interessante de trucos theatraes e que de certo ha de levar ao «Moderno» uma affluencia extraordinaria.

Fonte: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/170054_01/139008>. Acesso: 26 de junho de 2024.

Fonte: <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/800643/18357>>. Acesso: 26 de junho de 2024.

Figura 7- Anúncio da peça *Arsène Lupin* representada pela Companhia Dramática Francesa de Walter Mocchi

Theatro Municipal

:-: Empresa: Walter Mocchi :-:

— Companhia Dramática Franceza —

Dirigida por **Mr. André Brulé**

HOJE - Domingo, 26 de agosto de 1917 - HOJE - às 20 1/2 horas em ponto

Despedida da Companhia :-: FESTA ARTISTICA

de Mr. André Brulé

com a 1965.ª representação :-: **ARSENE LUPIN** :-:

Empolgante peça policial em 4 actos de F. DE CROISSET e M. LEBLANC - *A maior criação do illustre artista*

Mr. André Brulé no papel de Duque de Charmerace (**ARSENE LUPIN**) - **Mlle. Regina Badet** no papel de Sonia - **Mlle. Sabine Landray** no papel de Marie - **Estrondoso SUCESSO**

PREÇOS — Frisas e camarotes, 1.ª, 75\$000; camarotes foyer, 50\$000; camarotes de 2.ª, 25\$000; Poltronas e baleões A, 15\$000; baleões B C, 12\$000; cadeiras foyer A B C D E F, 10\$000; cadeiras foyer G H, 5\$000; galeria numerada, 8\$000; amphitheatro, 2\$000.

Bilhetes á venda no Café Guarany, das 10 ás 17 horas e depois na bilheteria do theatro

Fonte: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/090972_06/43562>. Acesso: 26 de junho de 2024.

Com a popularização do cinema, as peças começaram a ser cada vez menos representadas e, eventualmente, foram substituídas por produções cinematográficas, não levando a registros de produções teatrais nas décadas seguintes.

As produções cinematográficas que circularam no Brasil foram as estadunidenses:

- *The Teeth of the Tiger* (1919), fita dirigida por Chester Withey, estrelada por David Powell e Marguerite Courtot e anunciada nos *Jornal do Commercio*, de Manaus; *Diario da Manhã* e *O Estado*, de Vitória; *Jornal do Recife*, *A Provincia*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal Pequeno*, de Recife; *Commercio do Paraná*, do Paraná; *A Gazeta*, de São Paulo;
- *813* (1920), fita dirigida por Charles Christie e Scott Sidney, estrelada por Wedgwood Nowell, Ralph Lewis, Wallace Beery e Laura La Plante, anunciada pelo *Jornal do Commercio*, de Manaus; *Diario da Manhã*, de Vitória; *O Pharol*, de Juiz de Fora; *Jornal do Recife*, de Recife; *A Federação*, de Porto Alegre; *A Gazeta*, *A Tribuna*, *O Combate* e *Correio Paulistano*, de São Paulo;
- *Arsène Lupin* (1932), fita dirigida por Jack Conway e estrelada pelos irmãos John Barrymore e Lionel Barrymore, aparecendo nos anúncios de *Diário da Manhã*, de Vitória;

Diario de Pernambuco, Diário da Manhã, Jornal do Recife, Jornal Pequeno, de Recife; *O Dia*, do Paraná; *Diario de Notícias*, de Porto Alegre; *A República*, de Florianópolis, *A Notícia*, de Joinville; *Correio de S. Paulo*, de São Paulo e *Gazeta Popular*, de Santos; e, por fim,

- *Arsène Lupin Returns* (1938), fita dirigida por George Fitzmaurice, estrelada por Melvyn Douglas e Virginia Bruce, anunciada pelos *Diário da Tarde* e *Correio do Paraná*, de Curitiba; *A Gazeta*, de Florianópolis; *Correio Paulistano*, de São Paulo e *Correio da Tarde*, de Santos.

O filme estrelado pelos irmãos Barrymore, produzido pela MGM, gerou críticas bastante positivas nos jornais e causou burburinho na época de seu lançamento por juntar dois membros de uma dinastia de atores, como observado numa curta crítica publicada na edição 3088 em 13 de dezembro de 1932 do jornal *Diário de Manhã* do Espírito Santo:

THEATROS & CINEMAS
OS FILMES DA SEMANA

“Arsene Lupin”, sexta-feira, no Glória.

A empresa Santos & Cia. colocou, no cartaz do seu melhor cinema, esse filme que os irmãos Barrymore fizeram para a Metro-Goldwyn-Mayer e que obteve da crítica cinematográfica mundial os mais calorosos aplausos. Feito com arte e dedicação e com um enredo movimentado, fino e vivíssimo, "Arsene Lupin" está fadado a conquistar na plateia vitorienne os seus melhores triunfos. Nele veremos também a figurinha deliciosa de Karen Morley que empresta ao seu enredo, todo fulgor da sua inteligência moça e todo o encanto da sua personalidade admirável. E é com esse homogêneo *cast* e com esse enredo magnífico, que, de sexta-feira a domingo, "Arsene Lupin" aparecerá na tela do nosso mais elegante centro de diversões. (*Diário da Manhã*, 13/12/1932, p. 2)²⁵

Figura 8 - Total de ocorrências na categoria Anúncios

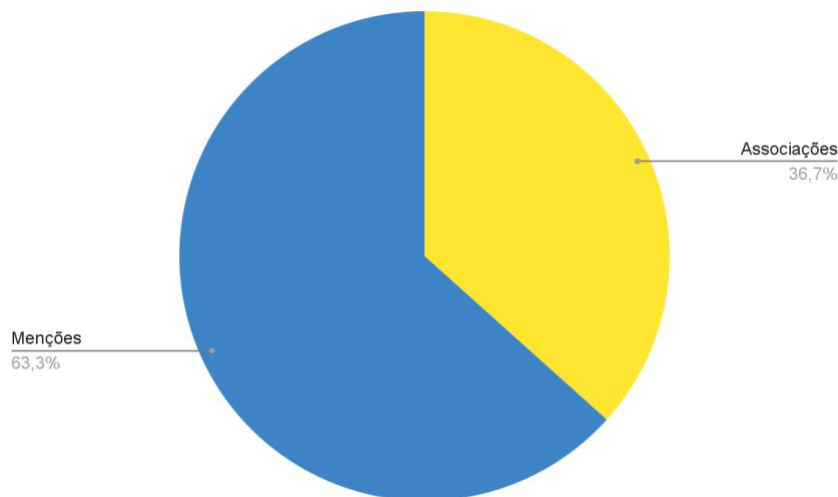
Rótulos de Linha	Soma de Contagem
☐ Anúncio	377
☐ 1900-1909	22
Livro	22
☐ 1910-1919	152
Filme	21
Livro	109
Teatro	22
☐ 1920-1929	46
Filme	40
Livro	6
☐ 1930-1939	157
Filme	148
Livro	9
Total Geral	377

Fonte: Acervo Pessoal.

²⁵ <http://memoria.bn.gov.br/docreader/572748/38192>

Por fim, na categoria Menções, registraram-se 442 ocorrências. Foi criada uma especificação apenas para as menções que associavam o nome “Lupin” a bandidos e feitos criminosos. Nesta subcategoria, o número atinge 162 ocorrências, ou seja, 36,67% das menções. O restante das ocorrências se expande às menções gerais ao nome do personagem, como mencionar Arsène Lupin junto a um anúncio de outra obra de Maurice Leblanc, para situar os leitores dos jornais sobre o autor e qual sua obra mais famosa, como é o caso do anúncio de 11 de maio de 1918, no *Jornal do Commercio* do estado do Amazonas, na edição 5044, onde lemos: “Cinema Polytheama Primeira sessão: 8 horas / Segunda sessão: 9:14 / Hoje - Domingo, 11 de maio - Continuação do soberbo cine-romance-policial de Maurice Leblanc, o inesquecível criador do famoso "Arsenio Lupin" *O estigma* ou *A malha rubra*”²⁶. Ou colocando Arsène Lupin como personagem-referência do gênero policial. Por mais que essas ocorrências apareçam sobretudo em Anúncios, foram classificadas como Menções, porque não que retratam produtos culturais diretamente ligados ao personagem Arsène Lupin. A década em que as menções mais ocorrem é a de 1910, conseqüentemente, as associações também ocorrem mais nessa mesma década.

Figura 9- Porcentagem de associações e menções



Fonte: Acervo Pessoal.

²⁶ <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/143467>.

Figura 10 - Total de ocorrências na categoria Menção

Rótulos de Linha	Soma de Contagem
Menção	442
1900-1909	11
Associação	3
(vazio)	8
1910-1919	229
Associação	71
(vazio)	158
1920-1929	90
Associação	48
(vazio)	42
1930-1939	112
Associação	40
(vazio)	72
Total Geral	442

Fonte: Acervo Pessoal.

O primeiro registro de Menção onde existe uma associação do personagem a um criminoso acontece na edição nº 6 do jornal *A Federação* de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, publicado no dia 7 de janeiro de 1908. Sob o título *ROCAMBOLE. DE SAIAS* o jornal narra a história de Francisca, uma jovem de 13 anos que foi acusada de roubar seus patrões, no Rio de Janeiro, porém, por mais que, supostamente, houvesse cometido diversos furtos, é dito que seus patrões nutriam certa afeição pela empregada, e sua patroa iria pagar um advogado para defendê-la:

ROCAMBOLE. DE SAIAS

Leem-se, às vezes, nos romances folhetins e nos magazines, aventuras de larápios habilíssimos, que praticam coisas incríveis, roçando pelo sobrenatural, e aos quais a polícia nunca chega a deitar a mão.

Essas proezas são levadas à conta da fecundidade imaginativa dos escritores. Que dirão, porém, os leitores das Áfricas da menina Francisca José Monteiro, cor preta, de 13 anos e mucama da família Leon Merimont, no Rio de Janeiro, e do qual se ocupam as folhas recentes daquela capital? (*A Federação*, 07/01/1908, p. 1)²⁷

Era comum nome do personagem Arsène Lupin aparecer junto de outros personagens considerados como referências do romance de aventura ou policial como Rocambole, do escritor francês Ponson du Terrail (1829-1871), Rouletabille, do também francês Gaston Leroux (1868-1927) e Sherlock Holmes, do inglês Arthur Conan Doyle (1859-1930). Na maioria das ocorrências não existe uma contextualização, o que nos leva a pensar que o público

²⁷ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/388653/19817>>. Acesso: 24 de maio de 2024.

já conheceria o enredo que envolve o personagem, um famoso ladrão: “O Dr. Cunha Vasconcellos certamente não esperava encontrar naquela mucama de 13 anos de idade, o pequeno Arsène Lupin, que vibra e age por detrás daqueles pequenos olhos acesos e daquela epiderme hotentote”.²⁸

Muitas vezes, as notícias destacavam a semelhança com o ladrão de casaca pela astúcia dos criminosos, seja para fugir da prisão, pelo disfarce e diferentes nomes ou pelo tipo de crime. Porém, não necessariamente essas características marcantes de Lupin era respeitada, visto que, em algumas publicações, os jornais só chamavam de Lupin pelo fato de o criminoso ser apenas um criminoso.

Como podemos observar abaixo, é noticiado no *Jornal do Commercio* de Manaus na edição nº 2817 do dia 22 de fevereiro de 1912, que o criminoso Cosme José dos Santos chama a atenção da mídia e da polícia, por já ter conseguido se evadir da prisão, e tentara mais uma vez, porém, sem sucesso:

NOVO LUPIN

Gatuno que planeja fugir da prisão

A bordo do F. F. de Carvalho foi preso ontem o indivíduo Cosme José dos Santos, chegado do Juruá. Cosme, que é vulgarmente conhecido por *Bahia*, no dia 7 de dezembro do ano passado, achando-se detido no xadrez da polícia do 2º distrito por ordem do capitão do porto, conseguiu, por meio de arrombamento, evadir-se.

Anteriormente, em 1910, também fugira do xadrez da 1ª e ontem já no xadrez da 2ª, dava ele começo ao arrombamento de uma das paredes, quando foi surpreendido pela polícia da permanência, que tomou prontas providências no sentido de tê-lo mais seguro.

Bahia é um desordeiro conhecido e tem estado implicado em diversos casos de gatunagem.

Desta vez ele está bem seguro para o ajuste de contas. (*Jornal do Commercio*, 22/02/1912, p. 1)²⁹

Já na notícia publicada no jornal *O Combate* de São Paulo na edição nº 2672 de 7 de maio de 1924, temos a narrativa do criminoso Vicente Zacanini, que também utilizava o nome Miguel Vani, imigrante italiano foragido no estado de São Paulo por assassinato e roubo de joias. Segundo a publicação, ele era um hábil arrombador e estava no Rio de Janeiro, local onde foi preso, atuando com uma quadrilha: “‘DANDY’ PERIGOSO / Assassino e magnifico ‘passador’ do ‘conto do vigário’ / ‘Bancava’ o Arsenio Lupin paulista” (*O Combate*, 07/05/1924, p. 1)³⁰

²⁸ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/388653/19817>>. Acesso: 24 de maio de 2024.

²⁹ <http://memoria.bn.gov.br/docreader/170054_01/12698>. Acesso: 24 de maio de 2024.

³⁰ <<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=830453&pagfis=7692>>. Acesso: 24 de maio de 2024.

Outra associação é observada na notícia publicada na revista *O Pirralho* de São Paulo, na edição 146 de 6 de junho de 1914. Nela o leitor é apresentado a Savage Landor, indicado como “o autêntico Lupin”, que mentiu para o governo do Brasil para conseguir financiamento para uma exposição fraudulenta:

UM EMBUSTEIRO CÉLEBRE

Haverá ainda no Brasil quem desconheça a impostora pessoa de Savage Landor?

Savage Landor é um aventureiro cínico, um mentiroso despuorado que veio ao Brasil, prontificando-se perante o governo a explorar os sertões brasileiros ainda desconhecidos. Hóspede, sem título algum que o recomendasse a nossa atenção, nem por isso deixou de ter melhor acolhimento. Muito habilmente o autêntico Lupin impingiu aos brasileiros a falsa narrativa de que uma exposição fantástica que figura ao Thibet. (*O Pirralho*, 06/06/1914, p. 4)³¹

Também é comum vermos nas notícias uma comparação de Lupin a políticos corruptos. É o caso da notícia publicada no jornal *Correio do Norte*, em Manaus, na edição nº 625 no dia 24 de fevereiro de 1911, em que temos a história do deputado Castella Simões, flagrado tentando traficar objetos:

DE DEPUTADO A CONTRABANDISTA

O sr. Castella Simões constituindo seus defensores os cabulosos escrevinhadores da “Folha”, mostrou que na verdade, desde a trágica data de 8 de outubro, a *macaca* terrível o persegue.

Aquela varia de hoje que diz que, *oportunamente*, darão o desmentido formal às notícias verídicas que a imprensa honesta estampou, é para s. s. a revelação, o verdadeiro desengano de que esses abjetos indivíduos não podem por forma alguma defendê-lo das esmagadoras acusações que pesam fortemente sobre a sua almiscarada pessoa.

O sr. Castella, quis, julgando-se um *Lupin*, deitar poeira aos olhos dos honestos funcionários da nossa aduana, mas, o tiro saiu pela culatra, e s. s. foi pegado, como corriqueiramente se diz, com a boca na botija. (*Correio do Norte*, 24/02/1911, p. 1)³²

Outro político é associado a Arsène Lupin na rubrica Telegramas do *Pacotilha* de São Luís no Maranhão, na edição nº 208 de 4 de setembro de 1917. Aí aparece a notícia que o jornal *Razão* havia publicado um editorial contra Pandiá Calógeras, ministro da Fazenda em 1916 do Governo de Venceslau Brás, chamado de “Arsenio Lupin das finanças brasileiras”.³³

³¹ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/213101/3359>>. Acesso: 24 de maio de 2024.

³² <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/214264/554>>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

³³ <http://memoria.bn.gov.br/docreader/168319_02/9983>. Acesso em: 24 maio de 2024.

Alguns criminosos ficaram nacionalmente conhecidos por seus feitos, como Horta Barbosa, que teve seus crimes noticiados em Recife (PE), São Luís (MA) e Curitiba (PR), no mês de julho de 1929. O criminoso praticava assaltos e chantagens usando o nome de políticos cariocas contra famílias da alta sociedade:

TELEGRAMAS

PROEZAS DIGNAS DE ARSENE LUPIN PRATICADAS NO RIO

RIO, 10 – “A Noite” relata um caso de *scroquerie* levado a efeito por um jovem sob o falso nome de Maurício Horta Barbosa que praticou aqui chantagens e assaltos dignos de Arsenio Lupin, envolvendo nomes de políticos.

O *scroc* fazia encomendas vultosas nas principais casas de comércio desta capital, até que foi descoberto. (*Jornal do Recife*, Pernambuco, 11/07/1929, p. 4)³⁴

TELEGRAMAS

(Serviço recebido via Western Telegraph)

Rio, 11- Causaram funda sensação as reportagens d'A Noite, detalhando as aventuras do indivíduo Mauricio Martins que ultimamente passara a usar o falso nome de Horta Barbosa.

Conseguiu o habilidoso “pirata” enganar a meio mundo, inclusive a diversos políticos, entre estes o senador Antônio Azeredo, que chegou a lhe ceder o seu automóvel.

Frequentou o Catete e o Itamaraty, visando unicamente o roubo.

Diversas famílias o acolheram, sentindo-se honradas com a presença do falso Dr. Horta Barbosa, que ostentava um fausto só mantido por opulentas personalidades.

As aventuras desse fino *scroc* são de tal quilate que só poderão ser comparadas às de Arsenio Lupin. (*O Imparcial*, 12/07/1929, p. 3)³⁵

UM AVENTUREIRO SAGAZ...

RIO (Especial para “A República”)

Talvez a vida policial do Rio jamais haja pegado trama mais complicada, que está do falso Marins ou Horta Barbosa, conforme as consequências aconselhavam se apresentasse o birbante cujas façanhas não saem agora dos jornais. É um caso que envolve uma série infinita de aventuras. [...] Uma página verdadeira de aventuras à Arsenio Lupin. Para ter o caráter da literatura Rocambolesca, faltaram-lhe os crimes contra a vida e a segurança das pessoas [...] No mais, todos os detalhes, todos os aspectos de sua imaginação exaltada e propensa aos frutos do mal. Ponson du Terrail e Arsenio Lupin fazem escola. (*A República*, Curitiba, 30/07,1929, p. 1)³⁶

³⁴ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/705110/107925>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

³⁵ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/107646/6501>>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

³⁶ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/215554/38906>>. Acesso em: 24 mai. 2024.

Outro criminoso citado, comparado com Arsène Lupin, é o estrangeiro Amleto Meneghetti, com notícias em julho de 1926:

DE SÃO PAULO (Correspondência Epistolar)

[...] Meneghetti transformou-se, pois, em um novo Raffles, como, porém, no tempo presente a polícia dispõe de muito mais recursos do que dispunha a polícia do tempo em existiram Raffles, Arsenio Lupin, Rocambole, etc., um verdadeiro exército de delegados, comissários, secretas, soldados e posto em etc. foi mobilizado e posto em perseguição do hábil e teimoso gatuno. (*A Província*, Recife, 09/07/1926, p. 1)³⁷

O LADRÃO ROCAMBOLESCO

A VIDA AVENTUROSA DE AMLETO MENEGHETTI, ÊMULO DE ARSÈNE LUPIN

O italiano Amleto Menecchetti ou Meneghetti, como comumente o chamam, tem na sua vida ladrão e vagabundo internacional, uma particularidade: é notável. Não tanto como o vagabundo seu raio de ação abrangendo somente três países: a Itália, o Brasil e a Argentina- mas, principalmente, como ladrão. [...] (*O Estado do Paraná*, Curitiba, 24/07/1926, p. 6)³⁸

Gino Amleto Meneghetti foi um ladrão italiano radicado no Brasil, que cometia seus crimes se locomovendo pelos telhados de suas vítimas, e, assim como Arsène Lupin, utilizava disfarces para escapar da polícia

³⁷ <http://memoria.bn.gov.br/docreader/128066_02/16352>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

³⁸ <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/830372/2203>>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

4. CONCLUSÃO

Relembrando o que a historiadora Ana Gomes Porto expôs em sua Tese de Doutorado, podemos afirmar que a produção de narrativas policiais no Brasil ocorreu em concomitância com a veiculação de crimes e assassinatos verídicos. Logo, os autores de literatura policial no Brasil seguiram uma tendência do gênero que podia também ser percebida internacionalmente, como observada na França. As narrativas utilizavam crimes publicados nos jornais e suas descrições nas notícias para alimentarem suas histórias.

Nesse sentido, percebemos que as menções associando o personagem Arsène Lupin à criminalidade ocorrem majoritariamente na década de 1910, período de grande circulação das histórias em folhetins nos jornais e de anúncios de vendas de livros, além das peças, que os anúncios indicam terem circulado somente nessa década. A década de 1910 está contida no período conhecido como *Belle Époque*, em seu sentido estrito, e Arsène Lupin, por ser um personagem criado nesse período, cujas histórias foram ambientadas nessa mesma época, encontra naquele momento terreno propício para florescer – seria o personagem *belle-époque* por excelência, elegante e astuto. Suas histórias retratavam os ideais da época e a literatura policial conseguia cativar o público, por oferecer histórias que satisfaziam a curiosidade sobre o mundo do crime e seus criminosos. Podemos concluir que as associações feitas entre o personagem de Leblanc e certos criminosos se apoiaram nos lançamentos e na forte circulação de livros e folhetins de Leblanc nessa década, caindo drasticamente nas décadas posteriores, sendo substituídos por anúncios de adaptações cinematográficas. Assim, a circulação de produtos culturais derivados da história, para além dos livros e folhetins (peças de teatro e filmes) pode justificar esse reconhecimento por parte do público em relação ao personagem, suas principais características e os enredos de suas histórias, o que levaria a constante comparação por parte da imprensa entre criminosos e Lupin.

Por esse motivo, Lupin consegue fugir da esfera estritamente literária, acaba adentrando a vida real e passa a “cometer crimes”. Elsa de Lavergne afirma em seu livro *La Naissance du roman policier français* (2020) que o romance policial surge num momento em que as mídias, principalmente o jornal, se populariza e crimes estão em voga. Os olhares curiosos do público se voltam para tentar entender como eles ocorrem e como pensam as mentes por trás desses crimes. Como afirma Dominique Kalifa em *L'Encre et le sang* (1995), esse cenário de interesse do público em relação às narrativas policiais se mostra muito forte e fértil, assim, escritores da

época se aproveitaram dessa linha tênue na qual a ficção e a realidade se encontram para conceber suas histórias do gênero policial. Os personagens mais populares do gênero, como Sherlock Holmes, Rocambole, Raffles e Arsène Lupin, saem do mundo da ficção e começam a transitar no mundo real, visto que, seus crimes, como são narrados, são plausíveis e já foram vistos pelos leitores em outros momentos nas seções policiais, ou seja, rubricas não-ficcionais. Os diversos “Lupins” da vida real aparecem num momento de grande urbanização e popularização do jornal no Brasil, que podem ser justificados, desse modo, pela efervescência da *Belle Époque*, o progresso da edição e do setor de espetáculos.

Por fim, por mais que o cenário brasileiro fosse diferente daquele da França, quando se percebe que boa parte das Menções encontradas associam Arsène Lupin a feitos criminosos, podemos afirmar, com base no livro *La Sociologie de la littérature* (2014), de Gisèle Sapiro, que a interpretação das obras de Maurice Leblanc feita pelo público brasileiro, que as consumia em periódicos fora do contexto geográfico e temporal da sua primeira produção e circulação, facilitava as ações de incorporação. Ou seja, os leitores liam feitos habilidosos de Arsène Lupin, um personagem gatuno, esperto e carismático da literatura popular francesa, ao mesmo tempo que, num rápido passar de páginas dos periódicos, acompanhavam, nas rubricas policiais, narrativas de criminosos habilidosos, que apareciam nas notícias do cotidiano. Isso gerou uma incorporação, por parte dos leitores, da ficção para a vida real.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Au-delà des textes: présence de la littérature dans la vie sociale brésilienne au XIX^e siècle. **Brésils**, n. 15, 2019. Disponível: <<http://journals.openedition.org/bresils/4763>>. Acesso em: 30 set. 2023.

ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e. **O mistério**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928 [1920].

ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e. **O Assassinato do General**. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat & Miccolis, 1926.

ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e. **Se eu fosse Sherlock Holmes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

AZEVEDO, Aluísio. **Mattos, Malta ou Matta?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 [1885].

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O capital social; notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

COMPÈRE, Daniel. Vous avez dit “roman populaire?” **Le Rocambole; bulletin des amis du roman populaire**. “Vingt-cinq ans après...”, n. 48-49, p. 93-101, automne-hiver 2009.

CRAUZAT, Claude Noisette de. Le paysage normand dans l’œuvre de Maurice Leblanc. **Le Paysage normand dans la littérature et dans l’art**. Mont-Saint-Aignan: Presses universitaires de Rouen et du Havre, 1980. Disponível em: <<http://books.openedition.org/purh/8678>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2024.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorhe Zahar, 2000.

DEROUARD, Jacques. Maurice Leblanc, écrivain normand. **Études Normandes**, Arsène Lupin, gentleman normand. 55^e année, n^o 1, p. 11-22, 2006. Disponível em: <www.persee.fr/doc/etnor_0014-2158_2006_num_55_1_1620>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

JE SAIS TOUT. Paris, 1^{ère} année, n. 6, 15 juillet 1905, Lafitte Editions. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1029766>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

KALIFA, Dominique. **L’Encre et le sang; récits de crimes et société à la Belle Époque**. Paris: Fayard, 1995.

LAVERGNE, Elsa de. **La Naissance du roman policier français**. Paris: Classiques Garnier, 2020. Coll. « Classiques jaunes Essais ».

LEBLANC, Maurice. **Arsène Lupin contre Herlock Sholmès**. Paris: Lafitte, 1914. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/Ars%C3%A8ne_Lupin_contre_Herlock_Sholm%C3%A8s_\(1914\)](https://fr.wikisource.org/wiki/Ars%C3%A8ne_Lupin_contre_Herlock_Sholm%C3%A8s_(1914))>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **813**. Paris: Librairie Pierre Lafitte & Cie, 1910. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Aiguille_creuse>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **L'Aiguille creuse**. Paris: Pierre Lafitte, 1912. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Aiguille_creuse>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **Le Bouchon de cristal**. Paris: Pierre Lafitte, 1912. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Bouchon_de_cristal>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **Les Confidences d'Arsène Lupin**. Paris: Pierre Lafitte, 1921. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Les_Confidences_d%E2%80%99Ars%C3%A8ne_Lupin>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **Les Dents du Tigre**. Paris: **Le Journal**, 1920. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Les_Dents_du_tigre>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **Arsène Lupin gentleman-cambrioleur**. Paris: Pierre Lafitte et Cie, 1907. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Ars%C3%A8ne_Lupin_gentleman-cambrioleur>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. CROISSET, Francis de. **Arsène Lupin, nouvelles aventures. L'Illustration théâtrale**, 1909. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/Ars%C3%A8ne_Lupin_\(pi%C3%A8ce_de_th%C3%A9%C2%A2tre\)](https://fr.wikisource.org/wiki/Ars%C3%A8ne_Lupin_(pi%C3%A8ce_de_th%C3%A9%C2%A2tre))>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LEBLANC, Maurice. **Les Huit Coups de l'horloge. Excelsior**, 1922. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Les_Huit_Coups_de_l%E2%80%99horloge>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

LETOURNEUX, Mathieu. **Les formes de la fiction dans la culture pour la jeunesse. Strenæ. Recherche sur les livres et objets culturels de l'enfance**. Disponível em: <http://journals.openedition.org/strenae/434>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

LIMA, Natália Dias Casado. *A Belle Époque: Transformações urbanas, moda e influências no Rio de Janeiro. Anais do XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH*. XXIV Encontro Estadual da ANPUH - Seção São Paulo, 2018, p. 1-15. Disponível em: <https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530193939_ARQUIVO_artigo.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

POE, Edgar Allan. **Tales**. Londres: Wiley & Putnam, 1846. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/Tales_\(Poe\)](https://en.wikisource.org/wiki/Tales_(Poe))>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)**. 2009. 326 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1608488>>. Acesso em: 26 de março de 2024.

RANNAUD, Adrien. Revue: Daniel Couégnas, Fiction et culture médiatique à la *Belle Époque* dans le magazine *Je sais tout* (1905-1914). **Cahiers de la Société bibliographique du Canada**. Special Issue: Working Together. Collective Mechanisms in the Book Circuit, vol. 58, p. 176-179, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33137/pbsc.v58i0.34060>

RODRIGUEZ, Marta Maria Crespo. **Labirinto contemporâneo: a ficção policial brasileira**. Curitiba: Appris, 2020.

RUAUD, André-François. **Les Nombreuses vies d'Arsène Lupin**. Lyon: Les moutons électriques, 2008.

SAPIRO, Gisèle. **La Sociologie de la littérature**. Paris: La Découverte, 2014. Coll. « Repères Sociologie ».

WINOCK, Michel. **La Belle Époque**. La France de 1900 à 1914. Paris: Perrin, 2002.